

20 ANOS DA POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

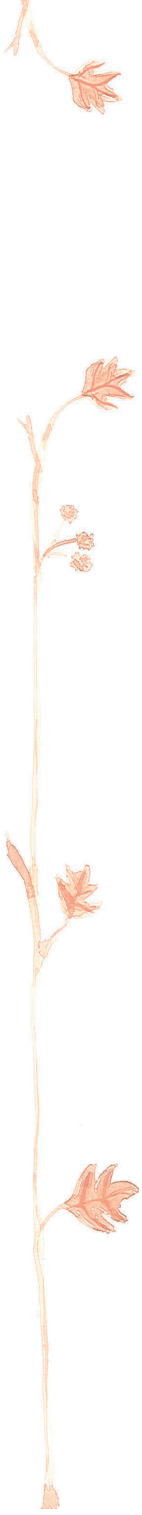
O PULSAR DE MEMÓRIAS DESASSOSSEGADAS



LILIAN RODRIGUES DA CRUZ | AMANDA CAPPELLARI

KELLEN MARIA SODRÉ MACHADO | MARISA BATISTA WARPECHOWSKI

| ORGANIZADORAS |



Lilian Rodrigues da Cruz
Amanda Cappellari
Kellen Maria Sodr e Machado
Marisa Batista Warpechowski

(organizadoras)

20 anos da Política Nacional de Assistência Social: o pulsar de memórias desassossegadas



ABRAPSO EDITORA

Porto Alegre - 2024

Projeto gráfico
Arnoldo Bublitz

Design da capa e diagramação
Estúdio Semprelo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

20 anos da Política Nacional de Assistência Social
[livro eletrônico] : o pulsar de memórias
desassossegadas / (organizadoras) Lilian
Rodrigues da Cruz...[et al.]. -- 1. ed. --
Porto Alegre, RS : ABRAPSO Editora, 2024.
PDF

Vários autores.

Outras organizadoras: Amanda Cappellari, Kellen
Maria Sodré Machado, Marisa Batista Warpechowski.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88473-32-0

1. Assistência social - Brasil 2. Centro de
Referência de Assistência Social (CRAS) 3. Política
Nacional de Assistência Nacional (PNAS) 4. Psicologia
social 5. Sistema Único de Assistência Social (SUAS)
I. Cruz, Lilian Rodrigues da. II. Cappellari,
Amanda. III. Machado, Kellen Maria Sodré.
IV. Warpechowski, Marisa Batista.

24-218667

CDD-361

Índices para catálogo sistemático:

1. Assistência social : Bem-estar social 361

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Fazer pulsar a diversidade na assistência social

Lilian Rodrigues da Cruz
Amanda Cappellari
Kellen Maria Sodré Machado
Marisa Batista Warpechowski

Do encontro de pessoas inquietas e desassossegadas com a Política Nacional de Assistência Social desabrocha este livro. Antes do porvir, te convidamos a escolher uma cadeira ou uma canga e sentar junto a nós na sombra deste pé de manga. Veja que na roda há chimarrão, tereré, café, suco de cupuaçu, açaí, e pão de queijo. Os sotaques são diversos - Créas/Crêas - e assim tecemos redes de cuidado e pensamento acolhidas/os/es por essa árvore imaginária.

Somos 4 mulheres brancas integrantes do Grupo de Estudos em Psicologia Social, Políticas Públicas e Produção de Subjetividades (GEPS), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) da UFRGS. O GEPS busca produzir conhecimento, no âmbito da pesquisa e da extensão, relacionado prioritariamente à política pública de assistência social em suas interfaces.

Em abril de 2023, não podemos dizer que cantávamos “*levava uma vida sossegada, gostava de sombra e água fresca*”, pois os desassossegos acadêmicos são inúmeros, ainda mais depois de vivermos 4 (ou mais) anos no desgoverno de Bolsonaro que desmontou as políticas públicas e atacou de forma constante as universidades, principalmente as públicas. Contudo, nossa aparente serenidade foi interpelada pelo convite do professor Eduardo Sugizaki, coordenador do Grupo de pesquisa La Folie (PUC-Goiás) para participarmos de um evento para discorrer sobre a atual situação das políticas públicas de assistência social no Brasil.

Desafio posto, como falar de forma ampliada sobre a situação das políticas públicas de assistência social no Brasil, sendo esse um país plural, com tanta diversidade? Naquele momento estávamos há tempos sem fazer eventos de extensão e, quando fizemos, o foco era em profissionais majoritariamente de Porto Alegre. Como dar conta desse desafio? Foi então que na esteira das possibilidades online que a pandemia deixou como herança, realizamos, com o apoio do Grupo de Pesquisa La Folie o “Ciclo de Debates Contemporâneos na Política Pública de Assistência Social”, convidando para o diálogo diferentes profissionais trabalhadoras e trabalhadores da assistência social das 5 regiões do país para em 4 encontros virtuais, na modalidade roda de conversa, entre psicólogas e assistentes sociais para conhecer os desassossegos que permeiam o cotidiano dos serviços. Neste sentido, acreditamos que compartilhamos os principais desafios contemporâneos no que se refere ao dia a dia dos equipamentos da Proteção Social Básica e da Proteção Social Especial, bem como da gestão da Política Nacional de Assistência Social, considerando o contexto brasileiro. Dentre as principais questões, problematizamos as intersecções entre gênero, raça, classe e outras categorias sociais que atravessam os serviços; promovemos a troca de experiências, a partir dos contextos locais e singulares em que se dão as intervenções socio-assistenciais.

Muitas foram as inquietações manifestadas pelas trabalhadoras(es) e embora permeadas pelas especificidades regionais, se entrelaçam quando dizem da angústia dos entraves e impossibilidades que se apresentam no fazer diário da assistência social, assim como do desejo de dar conta, de fazer diferença nas vidas

que por ela passam ou são atravessadas. São muitos os desafios, e pensar o “como” se faz necessário: como continuar a acreditar? Como sustentar um governar feminista? Como age o racismo ambiental? Como trabalhamos com a família que já chega narrada como ‘aquela que não presta’? Como sobreviver sem ser ‘empurrada para o abismo ético’? O compartilhar de nossas experiências nos fortalece e inspira para que nossos incômodos possam seguir nos movimentando na produção de caminhos possíveis.

Quando terminou o evento, sentimo-nos revigoradas; mas afinal, se tantas mazelas foram compartilhadas, por que nos sentimos assim? Só conversávamos sobre a potência das trocas feitas. E, concomitantemente, recebemos mensagens para saber se não haveria continuidade e/ou alguma maneira de continuarmos em diálogo. Dadas as reverberações de nossas partilhas, convidamos as e os participantes a darmos duração ao nosso encontro e continuarmos em diálogo através da escrita de pequenos textos desassossegados. Apostamos no testemunho do vivido, inspiradas pelo poeta Waly Salomão, “a memória é uma ilha de edição” (2014, p. 209).

Inicialmente pensamos em um capítulo de cada participante para compor um livro. Contudo, somos muitas/muitos e não teria como publicar coletânea tão extensa. Foi quando esboçamos a ideia de que o aniversário de 20 anos da PNAS pudesse ser aludido através de uma coletânea com textos curtos e sensíveis. Curtos para fazer caber o bando e sensíveis para desassossegare leitoras e leitores. Propomos aos membros desse coletivo, então, a tessitura de crônicas curtas e ficamos faceiras com uma ótima receptividade. Nessa trajetória de escrita, desafios se colocaram, pois, afinal,

como se caracteriza uma crônica? Será que sabemos fazer crônica? Nessa expectativa de receber os textos, algumas pessoas anunciaram que não poderiam compor; vocês bem sabem que o cotidiano da assistência social (e na vida) tem dessas. Não estão conosco na materialidade desta empreitada, mas fazem parte do coletivo e em breve estarão juntos em outros projetos. Foi assim que mais 3 convites foram feitos a pessoas que tem sua atividade profissional/vida/pesquisa transversalizada pela PNAS.

Agente faz o SUAS com gente para gente. O evento corporificou, de alguma maneira, a idiossincrática trajetória profissional de cada participante, que inclui território, raça, gênero, lugar de fala, dentre outros. Neste sentido, consideramos mais apropriado que a breve descrição de titulação e trabalhos, que comumente fica em nota de rodapé ou no final do livro, ganhasse destaque, afinal, são nossas memórias desassossegadas que compõem os textos. Maior liberdade de apresentação foi instigada a cada autora e autor. Liberdade para se apresentar ou biografia disruptiva, como disse a Flávia Lemos.

A interrogação fez morada quando da chegada dos primeiros textos: será que se caracteriza como crônica? Narrativas potentes, em diversos formatos: carta, memória, história, experiência, testemunho, crônica, ensaio, desabafo, e, assim que fomos lendo, a dúvida se dissipou, pois a diversidade de expressões narrativas foi justamente o que conformou o empoderamento, que é sempre coletivo e diverso. Entendemos que a pluralidade das narrativas compõem um inventário. Para Márcio Seligmann-Silva, o inventário é um movimento que possibilita a invenção, talvez enquanto um outro momento dela. O autor afirma que “sem os saberes de-

positados e inventariados na nossa mente, não poderíamos criar ou inventar” (2022, p. 59). Apostamos, portanto, nos fragmentos de memórias (reais ou inventadas) como testemunho do já vivido, mas também como faíscas para que sigamos esboçando futuros.

Esses encontros foram para muitas de nós um alargamento de vida, tal como gostaríamos que a Assistência Social fosse para as famílias que cruzam com ela. Testemunhamos os afetos contraditórios que emergem do esforço e da coragem de se colocar fazedoras de políticas públicas em um Brasil tão desigual. Sim, é mesmo um trabalho de formiguinha, mas há de se cantar feito cigarra também. Tal como nossa imaginária mangueira, precisamos sonhar os próximos 20 anos da PNAS.

Agradecemos, especialmente, à Betina, com quem há muitos anos pensamos sensivelmente e nos alegamos em ter suas palavras para a abertura deste livro; à Joana, pela generosidade em fazer, de modo tão sensível, a arte do livro; e ao Eduardo, que com o convite para aquele primeiro momento de diálogo, nos impulsionou a querer saber mais e teceu o robusto pós-facio. Com o coração aquecido pelo abundante encontro com a palavra dita e escrita das trabalhadoras e trabalhadores do SUAS que gentilmente construíram esse livro, nosso abraço de agradecimento e o desejo de seguirmos em partilha.

Referências

- Salomão, Waly. (2014) *Algaravias: Câmara de ecos* [1996]. In *Poesia total / Waly Salomão* (pp. 209-262). São Paulo: Companhia das Letras.
- Seligmann-Silva, Márcio (2022). *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.